

Pessoa e a Multidão

O astrónomo Carl Sagan costumava dizer que vivemos num pálido ponto azul chamado planeta Terra, de tamanho insignificante dentro da galáxia que o abriga, galáxia que, por sua vez, representa no universo menos do que representaria um grão de areia nesse mesmo planeta Terra. Vivemos por algumas dezenas de anos nesse pálido ponto azul, que tem uma idade estimada em pelo menos quatro bilhões de anos. Aceitando a nossa total insignificância relativa, somos ao mesmo tempo todo o Universo, pois o Universo é para nós a percepção que temos dele;

“És importante pra ti, porque é a ti que te sentes.

És tudo pra ti, porque pra ti és o Universo.

E o próprio Universo e os outros

Satélites da tua subjectividade objetiva”, disse Pessoa/Álvaro de Campos .

Fernando Pessoa será talvez a mais múltipla pessoa que existiu, ou talvez apenas aquela que efetivamente teve a coragem de assumir que o seu ser ia muito além de um ser físico único e ousou “outrar-se”, chegando ao ponto extremo de se desconhecer:

“Não sei quantas almas tenho.

Cada momento mudei.

Continuamente me estranho.

Nunca me vi nem achei.

De tanto ser, só tenho alma.

Quem tem alma não tem calma.

Quem vê é só o que vê,

Quem sente não é quem é .“

Ou seja, Pessoa sabe que a vantagem de tudo ser inteligência tem desvantagens: *Quem tem alma não tem calma*, diz ele. Queria dizer talvez que quem pensa não tem paz e eis aqui anunciado um princípio de grande importância para todos nós. É inconciliável apenas pensar ou apenas viver, pois correremos o risco de viver sem pensar ou pensar sem viver. Viver a vida ou pensar a vida é um oposto que sempre o desafiou. No mesmo poema, o sujeito poético afirma:

“ *Sou minha própria paisagem,*

“ *Assisto à minha passagem,*

Diverso, móbil e só. “ Pessoa multiplica-se, viaja, mas no final está sozinho. Para os conhecedores da obra do autor, esta temática da despersonalização traduz-se no aparecimento dos heterónimos que nascem das necessidades surgidas na sua vida. À medida que lhe são apresentados desafios, enfrenta-os indiretamente através das suas personagens literárias. O poeta como que apenas assiste à passagem da sua vida, porque se recusa vivê-la simplesmente pois tudo é analisado, dissecado, e tudo por isso se torna falso, uma ilusão de realidade. Para o *eu* lírico, quanto maior o número de personalidades, mais próximo se estará de chegar ao universo e a Deus, *seja ele quem for*. Curiosamente, nos mais de setenta *eus* existiram médicos, camponeses, engenheiros, poetas, jornalistas, psicanalistas, comerciantes entre outros.

Mas não será que esta é uma viagem que nos é familiar a todos? A viagem ao nosso interior, de forma a extrair a nossa essência verdadeira e trabalhá-la de forma a nos aperfeiçoarmos não é a nossa verdadeira tarefa? E se repararmos não é ela pessoal e intransmissível, logo, feita sozinha? E não é igualmente verdade que esta não é muito fácil porque nos obriga a sair da nossa zona de conforto e a pensar? Não temos todos os nossos heterónimos na nossa vida? Não representamos constantemente os papéis de filhos, pais, maridos, esposas, profissionais das mais diversas áreas, colegas de trabalho, amigos, ... ? E como conseguimos conviver com a nossa multidão interior? E não vos parece interessante o exercício constante de refletir sobre quem somos e qual o nosso papel neste mundo? E de que forma poderemos contribuir, através das nossas ações, para melhorar a humanidade?

Os verdadeiros sábios foram sempre aqueles que demonstraram sensibilidade para ouvir e tolerar e manifestaram senso de justiça e responsabilidade. A satisfação de um ser humano não pode ser egoísta desde que existam ofensas para perdoar, sofrimentos para aliviar, penas que pedem compaixão, necessidades e pobreza para mitigar e oportunidade para o exercício da caridade. Vamos sair das cavernas assombradas pela ansiedade, o pessimismo, o conformismo em que nos escondemos que nos coartam a felicidade e nos impedem de seguir a luz. Cabe a cada um de nós contribuir para o bem-estar da humanidade que se traduzirá na felicidade e prosperidade física, moral e intelectual.

Desejo que Fernando Pessoa seja um bom inspirador e que a multidão interior de cada um contribua para uma feliz condução das nossas vidas.

“Por que choras de que existe
A terra e o que a terra tem?
Tudo nosso – mal ou bem –
É fictício e só persiste
Porque a alma aqui é ninguém.

Não chores! Tudo é o nada
Onde os astros luzes são.
Tudo é lei e confusão.
Toma este mundo por estrada
E vai como os santos vão.”

(Poema datado de 6 de fevereiro de 1934, de Fernando Pessoa)

TT - 20200711